

Girl on girl: questões de gênero em Y: o último homem

Paloma Nascimento dos Santos¹

Resumo: Quando um jovem desempregado e recém-formado se dá conta de que ele e seu macaco de estimação são os únicos seres do sexo masculino na Terra se inicia a narrativa da *graphic novel* *Y: O Último Homem*, de Brian K. Vaughan e Pia Guerra. Este cenário pós-apocalíptico serve como ponto de partida para analisar a representação e as relações de gênero presentes nas histórias em quadrinhos, temática que vem ganhando destaque na atualidade. A *graphic novel* serviu como *corpus* para se discutir a impossibilidade de uma narrativa única no que diz respeito às mulheres e suas identidades como personagens. Para isso, serão utilizadas as perspectivas de gênero a partir de Joan Scott e Judith Butler e as discussões sobre gênero e raça de bell hooks.

Palavras-chave: *Graphic Novel*; Gênero; Heroínas; Raça; Sexualidade.

Girl on girl: gender questions in Y: the last man

Abstract: When a jobless and recently literature graduated realizes that he and his monkey are the only males on Earth begins the narrative of *Y: The Last Man* by Brian K. Vaughan and Pia Guerra. This post-apocalyptic scenario where women are protagonists of all relationships serves as a starting point for analyzing the representation and gender relations present in comic books, a subject that has been gaining prominence nowadays. The graphic novel was used as a *corpus* to discuss the impossibility of a unique story for women and their identities as characters. For this, will be used the gender perspectives from Joan Scott and Judith Butler and the discussions about gender and race from bell hooks.

Keywords: Graphic Novel; Gender; Heroines; Race; Sexuality.

Introdução

Apesar das *graphic novels* terem sua gênese ligada ao nome de Will Eisner, já havia a circulação de narrativas que misturavam um perfil abertamente literário com autobiografia nos séculos 19. Eisner é creditado por sua importância e por ter cunhado e divulgado o termo a partir da história *Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço* (1995). Para Ramos & Figueira (2011), Eisner classificou sua obra como um produto de arte, estabelecendo uma proximidade com as produções literárias, e afastando sua publicação das já conhecidas *comics*. A repercussão do livro contribuiu para que o termo *graphic novel* fosse adotado nas décadas seguintes e, atualmente, caracteriza edições produzidas em formato com acabamento luxuoso, voltado para o público adulto ou jovem adulto, que apresentam histórias alternativas à temática de super-heróis, atingindo um patamar pretensamente literário. A crítica mais especializada admite que se trata também de um rótulo comercial usado para se referir a produções norte-americanas, mas que já tem alternativas vindas de outros países, inclusive produções brasileiras, que utilizam a linguagem dos quadrinhos para narrar histórias com arcos longos, que podem ser (auto)biográficas e que possuem uma

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

liberdade temática maior em comparação com outros produtos do gênero (Ramos & Figueira, 2011). Para Waldomiro Vergueiro (2009), é a partir das *graphic novels* que se pode dizer que as histórias em quadrinhos se firmaram como a nona arte ou como a Arte Sequencial.

Apresentando as características supracitadas, é publicada em 2002, a *graphic novel* *Y: O Último Homem*, de autoria de Brian K. Vaughan e Pia Guerra. A narrativa conta a história de Yorick Brown (figura 1), um jovem desempregado e recém-formado em literatura que passa o tempo treinando truques de mágica e exercitando habilidades para se tornar um artista de fuga. Sua vida tranquila se transforma quando o mundo é acometido por uma tragédia que extermina os seres do sexo masculino – evento chamado na narrativa como androcídio –, menos Yorick e seu macaco de estimação, Ampersand. A história se desenvolve a partir da alternância entre a organização das mulheres tentando entender o que aconteceu e a busca de Yorick por respostas a porquê de apenas ele e seu bichinho sobreviverem ao extermínio. Além das respostas, o personagem “principal” quer encontrar a namorada, a quem pretendia pedir em casamento antes das mortes em massa. Ela é pesquisadora e está na Austrália, o que motiva Yorick a buscá-la. O enredo, então, articula as indagações de Yorick, sua jornada para encontrar a namorada e as situações, muitas delas de perigo, que ele enfrentará por ser o último homem na Terra em busca de uma motivação para viver em um novo mundo.

Figura 1. Yorick Brown. Fonte: Vaughan & Guerra (2009)



Acerca da originalidade da trama, Bart Bovri (2011) aponta que, seja na ficção científica ou na literatura feminista, narrativas sobre um mundo sem homens já tinham sido publicadas por escritoras, e cita como exemplo os romances *Herland*, de autoria de Charlotte Perkins Gilman, que trata de um mundo sem homens em que as mulheres se reproduzem por meio de partenogênese e *Houston, Houston, Do You Read?* de autoria de Alice Sheldon, ficção científica que conta a história de uma praga que atinge a terra e que resulta num mundo onde os únicos três homens restantes estão no espaço. Em *Y: O Último Homem*, Brian K. Vaughan faz referência aos romances citados. Para Leonardo Pereira (2015), que pesquisou a intertextualidade e as referências a William Shakespeare na trama, a *graphic novel* apresenta uma narrativa não linear com idas e vindas temporais e espaciais, além de articular elementos oníricos em paralelo, que dialogam com a trama principal, que fazem parte do conjunto de referências literárias e dão ritmo para a história. Para o autor:

O ritmo vertiginoso da primeira história serve para apresentar diversos elementos que serão reto-

mados nas edições posteriores, principalmente no que diz respeito à origem da praga que vitimou todos os homens e as razões que levaram Yorick e Ampersand a serem os únicos sobreviventes da mesma. A narrativa dos feitos do protagonista é entremeada por flashbacks, tanto do passado dos personagens quanto dos primeiros tempos da praga, para aprofundar ainda mais o enredo. Dificilmente, um leitor conseguirá perceber todos os detalhes, insinuações e referências oferecidas pela trama em uma primeira leitura; na verdade, a exemplo de *Watchmen* e de outros quadrinhos mais complexos, *Y: O Último Homem* é, acima de tudo, uma obra para ser relida e reinterpretada. O conhecimento primário do desenrolar e desfecho da trama não necessariamente impedem uma segunda investida ao texto, mas sim o incentivam, visto que detalhes aparentemente supérfluos podem ganhar novos significados (PEREIRA, 2015, p. 76).

Apesar de ser, junto com seu animal, o último homem na Terra, Yorick se encontra cercado de mulheres, inclusive sua mãe e sua irmã, que em um momento querem matá-lo, mas logo em seguida querem utilizá-lo como objeto reprodutivo para garantir a perpetuação da vida na terra. A narrativa, que parecia estar centrada nos feitos do personagem masculino, ganha força a partir das mulheres que o acompanham, e o redirecionam à posição de coadjuvante, mesmo sendo o último de sua espécie. Como se trata de um mundo só de mulheres, como elas se organizam após o apocalipse? Quais são as escolhas que elas fazem? Como o roteiro retrata essas mulheres na narrativa? Quais são as temáticas que emergem no quadrinho e que tem relação com as questões de gênero? É possível utilizar os perfis das personagens que se relacionam com Yorick para problematizar as questões de gênero presentes na narrativa? Este artigo, então, tem como objetivo investigar as identidades femininas e as relações de gênero em *Y: O Último Homem*, a partir de suas personagens, para problematizar a não possibilidade de pensar uma unicidade e homogeneidade para o sujeito-mulher e suas escolhas sociais e políticas, mesmo em uma narrativa ficcional. Num mundo sem homens, são observados ainda efeitos de um discurso androcêntrico que construiu as relações sociais?

Para isso, o conjunto de dez volumes disponíveis da *graphic novel* são utilizados como *corpus* de pesquisa. Sendo uma história que pertence ao selo Vertigo Comics, foi publicada no Brasil pela Editora Panini, em dez encadernados assim organizados: Extinção (volume 1), Ciclos (volume 2), Um pequeno passo (volume 3), A Senha (volume 4), Anel da verdade (volume 5), Menina com menina (volume 6), Boneca de papel (volume 7), Dragões de kimono (volume 8), Pátria-mãe (volume 9) e Causas e razões (volume 10). Foram analisadas três representações femininas da trama – Hero, Dra. Alison Mann e Agente 355 – à luz das discussões teóricas propostas por Joan Scott (gênero como categoria analítica), Judith Butler (quebra dos binarismos quando se trata de sexo/gênero, heteronormatividade) e bell hooks (racismo, corpo e identidade negra feminina).

Relações de gênero em Y: O Último Homem

As histórias em quadrinhos são um reduto masculino. As mulheres quadrinistas, as que fazem parte de equipes de produção e as roteiristas ainda são poucas ou invisibilizadas. Claro que existiam e existem mulheres nas HQs, mas inicialmente, as personagens mulheres que estavam inseridas nas histórias, seja de super-heróis ou narrativas mais gerais, obedeciam ao padrão da companheira afetiva do personagem principal ou a donzela em perigo, cuja salvação se apresentava como mais uma tarefa para o herói cumprir ao final do dia. A primeira super-heroína tem sua criação atrelada às urgências promovidas pelo crescimento do debate feminista nos anos 30 e 40 nos Estados Unidos. Se as mulheres estavam reivindicando mais espaço e representação na sociedade e na cultura, por que não ter uma personagem feminina com superpoderes e que ajudasse a salvar o mundo e pessoas das ameaças de destruição? A *Mulher Maravilha* é criada, então, na década de 40 por um homem, William Marston. As mulheres, nessa época, não podem criar ou tem que manter suas criações em privado (WESCHENFELDER & COLLING, 2011). Ainda entre

as décadas de 30 e 40, tinham destaque as personagens Diana Palmer, esposa do Fantasma e Lois Lane, namorada/companheira do Superman.

As narrativas das histórias em quadrinhos são construtos sociais frutos de seu tempo. É possível, ao se traçar uma linha do tempo, observar que, à medida em que é facultada às mulheres a participação na produção e criação de histórias em quadrinhos, a quantidade e o perfil de personagens femininas aumenta e elas deixam de ser apenas a companhia afetiva em perigo. Pesquisadoras e pesquisadores utilizam as histórias em quadrinhos como objetos de estudo e passam a analisar, não só a presença e ausência das mulheres nos quadrinhos, mas também sua representação, hipersexualização de seus corpos e outros interditos preconceituosos em suas narrativas. Natania Nogueira, em estudo de 2010, em que pesquisa a representação feminina dos quadrinhos produzidos no Brasil nos anos 50 e 60, aponta que havia a circulação nas revistas de um modelo feminino padrão, que era um reflexo de um modelo masculino também padrão, perfis idealizados, que refletiam a situação sociopolítica do país e do mundo. Para Guacira Lopes Louro (1997), a importância do feminismo como movimento político na história e na cultura é demonstrado porque se começou a questionar os padrões estabelecidos para a mulher e, a partir dele, foi possível “tornar visível aquela que fora ocultada” (p. 17).

A segregação social, política e cultural invisibilizou historicamente as mulheres como sujeito, inclusive como sujeito dos produtos culturais, entre eles os quadrinhos. Para a historiadora Joan Scott (2011), esse tornar visível, essa busca por não apresentar padrões para as mulheres é um projeto ambíguo pois, para ela, “as mulheres estão ao mesmo tempo adicionadas à história e provocam sua reescrita; elas proporcionam algo extra e são necessárias à complementação, são supérfluas e indispensáveis” (SCOTT, 2011, p. 78). Não havia espaço naquela época para narrativas que fossem um contraponto a esses perfis intocáveis. Os estudos feministas e de gênero, articulados com os estudos culturais a partir da década de 60 e 70, foram os responsáveis por pautar essa discussão na área dos estudos da Arte Sequencial. As *graphic novels*, atualmente, tem se destacando por conter narrativas mais independentes, recheadas de personalidades e perspectivas autobiográficas (como exemplo a *graphic novel Fun Home*, de Alison Bechdel²), tramas feitas por e para mulheres, muitas com elementos feministas e tendo mulheres como protagonistas. Como considerar o gênero como uma categoria de análise nos produtos de arte sequencial?

Para Joan Scott (1995), o termo gênero surgiu inicialmente como uma alternativa para pesquisadoras que queriam enfatizar o caráter fundante das relações sociais que se baseavam no sexo e na diferença sexual. Utilizar o termo gênero era se distanciar do determinismo centrado na biologia e, ao lançar o olhar para a história visando incluir a experiência das mulheres, suas vivências na construção da sociedade e realizar pesquisas sobre e para mulheres foi que se começou a pensar o gênero como categoria de análise. O gênero como categoria de análise, juntava-se, então a outras categorias (ainda que não se sugere aqui que as três estejam equiparadas), como raça e classe, e se tornavam um tripé para a compreensão do passado e da construção de uma nova história para mulheres.

Uma das propostas de análise sugeridas por Joan Scott é a rejeição da oposição binária, que tem origem a partir de um processo de historicização fundamentado na diferença sexual. Se são observados apenas dois “sexos”, o mundo deve ser estruturado a partir dessa perspectiva dicotômica. Para Scott, as análises que levam em conta o gênero como categoria devem observar o contexto em que seu objeto de pesquisa se encontra e buscar deslocamentos dessa lógica binária, buscando deslocar quaisquer imposições hierárquicas baseadas em dualismos.

É possível pensar que, como produto dos anos 2000, portanto historicamente sitiado, e a partir de

² Quadrinista americana, famosa pelo teste que leva o seu sobrenome. Autora da série *Dykes to Watch Out For*, *Fun Home*: Uma tragicomédia em família (2006) e *Você é minha mãe?* Um drama em quadrinhos (2012).

seu roteiro, *Y: O Último Homem* também apresenta em seus arcos temas de interesse para as discussões que envolvem as representações femininas nas HQs e sua articulação com o gênero. Já nas primeiras páginas a dupla de criadores oferece estatísticas que comprovam que o mundo é masculino e que são os homens que ocupam as posições-chave nos espaços de poder. O mundo pós-apocalíptico de Vaughan e Guerra é um mundo que desmorona sem a presença dos homens? Por toda a narrativa está presente a crítica às estruturas sociais androcêntricas, ao papel feminino na sociedade e ao binarismo sexual em que esta sociedade está centrada. Para Leonardo Pereira (2015),

O fato de Yorick ser o último homem do planeta também é significativo pelo papel que acaba representando diante das mulheres que, ou o protegem por ser a última esperança de sobrevivência da humanidade, ou das que querem eliminá-lo, sendo que a maioria das personagens principais é bem mais hábil ou eficiente em suas funções do que o protagonista (PEREIRA, 2015, p. 92).

Sobre a ironia presente ao se tentar analisar pelo viés do feminismo e das perspectivas de gênero uma história em quadrinhos que tem como personagem principal um homem, Maura McHugh (2011) apresenta o argumento de que é lançando o olhar para as personagens femininas da saga que temos as melhores problematizações sobre gênero, política e sociedade. Yorick vai na contramão dos super-heróis idealizados e tem ao seu lado, na busca pela cura, mulheres assertivas, mais fortes fisicamente que ele, responsáveis pelo seu cuidado e integridade física, que apresentam habilidades com armas e manejo de veículos e que, em situações de extrema pressão, não agem precipitadamente, atitude comum ao pretense protagonista da trama. Se, historicamente, às mulheres foram facultadas as características de fragilidade e sensibilidade em contraponto às características de força e proatividade salvadora masculina, na narrativa de Brian K. Vaughan e Pia Guerra essa dualidade é borrada e o perfil complexo de suas personagens servem como ponto de partida para discutir as relações de poder estabelecidas por essa nova sociedade. Será que um mundo só de mulheres seria melhor, mais igualitário e menos preconceituoso e violento? Sem a presença dos homens as mulheres ainda repetiriam atitudes e tomadas de decisões que foram, durante toda a existência da humanidade, reflexo de uma sociedade estruturada a partir do modelo do *pater familias*³? Nesta narrativa, as respostas são dadas pelas mulheres.

Hero: amazona às avessas

Hero⁴ aparece na história já no primeiro arco, “Extinção”. Ela é a irmã mais velha de Yorick e filha da deputada democrata Jennifer Brown. É paramédica e no momento da extinção dos homens está de plantão e vê seu namorado e outros colegas morrerem na sua frente. Depois de vagar sem rumo durante um tempo, Hero consegue acolhida em um grupo de mulheres chamadas na trama de “feministas radicais”, as *Filhas das Amazonas*. É um grupo armado que pretende lutar contra os símbolos do patriarcado e funciona como uma milícia, aliciando mulheres, comandadas por uma personagem sedutora e, ao mesmo tempo abusadora, chamada de Rainha Vitória. O processo de admissão ao grupo *Filha das Amazonas* requer uma série de abandonos, inclusive um padrão para as pertencentes à milícia é a extirpação de um dos seios, a que Hero se submete (Figura 2).

³ Termo em latim que significa pai de família e que também encerra uma organização social que tem o masculino/pai como centro, chefe, pessoa dotada de capacidade legal.

⁴ A edição brasileira optou por não traduzir o nome da personagem, que em inglês significa herói. Funciona como contraponto para indicar quem é, ou quem são as verdadeiras heroínas da história.

Figura 2. Hero quando encontra Yorick pela primeira vez. Fonte: Vaughan & Guerra (2009)



A representação das *Filhas das Amazonas* na produção de Vaughan e Guerra faz referência ao mito das Amazonas, guerreiras revolucionárias, cujas versões estão presentes em narrativas mitológicas no oriente e no ocidente. As Amazonas são figuras de bravia, constantemente insatisfeitas com a dualidade masculino/feminino, estabelecendo entre si um modo de vida organizado de forma independente dos homens. Em suas imagens mais famosas são representadas portando arcos, montadas em cavalos e, na mitologia grega, tinham associação direta à deusa Ártemis, que habitava espaços selvagens e é conhecida por ser a deusa da caça (SALLES, 2010; DEPLAGNE, 2013). A participação de Hero nesta organização parte não só de uma necessidade de se juntar com iguais para garantir a sobrevivência, mas também faz parte da confusão de sentimentos que a personagem se encontra, especialmente em relação aos homens, fato que só é conhecido pelas pessoas leitoras da *graphic novel* nos arcos seguintes. A narrativa questiona as atitudes do grupo, que, motivado pelo ódio ou pela demarcação de território, acaba fazendo mulheres matarem mulheres. Hero, inclusive, sendo uma das que mata. Nota-se a crítica do roteiro em demonstrar que mulheres formatadas em um mundo androcêntrico e violento reproduzem essas práticas, mesmo entre iguais. A organização se dissolve, mas Hero parte em busca de redenção e só reaparece em uma parte da narrativa que tem a função de rememorar sua história e explicar suas motivações.

No início do arco *A Jornada da Heroína*, vemos Hero e Yorick ainda crianças, brincando de fabular com uma figura chamada Rainha Vitória, uma estátua sem rosto a quem Hero dá voz para assustar o irmão. Em seguida, vemos os dois juntos com o pai, numa visita ao avô, brigando para decidir quem entra no quarto dele primeiro. Hero, afirma que não se importa com o avô e diz para o pai “Não tô nem aí! Eu... eu nem gosto dele! Ele sempre tenta pôr a mão na minha -” (VAUGHAN & GUERRA, 2009). Neste momento, e em outras alucinações de Hero, as pessoas leitoras são informadas que ela foi abusada pelo avô. Nesse arco somos apresentadas ao perfil da personagem: ela estudou literatura, é uma escritora talentosa, mas está abandonando a carreira iniciante para acompanhar o namorado, que é paramédico. Retrucando o pai, que discorda da decisão, Hero afirma “Joe não é ‘outro garoto’, pai. Ele me respeita por eu ser quem sou, o que é mais do que posso dizer de qualquer um dos outros homens na minha vida” (VAUGHAN & GUERRA, 2009). O nome da personagem e do arco que reconta sua vida fazem alusão ao conceito de *monomito* ou *jornada do herói*, estabelecido por Joseph Campbell após analisar mitos e arquétipos que se repetiam na história da humanidade. Para Campbell

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vem diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos (CAMPBELL, 2007, p. 28).

O desafio à estrutura tradicional da jornada do herói, nesta HQ, se dá no fato de que a pessoa que passa pelos estágios da jornada não é o Yorick, é Hero, uma das mulheres da história, que, mesmo se voluntariando para ser uma amazona, vista como uma heroína às avessas, atravessa os estágios requeridos. Ela é *chamada para a aventura* ao recusar se moldar aos desejos de seu pai e se tornar mais uma intelectual fracassada na família. Tem uma *partida* em busca de mudanças assim que a praga extermina os homens, passa pelos estágios de *experiência*, *aproximação* e *crise*⁵ ao participar da milícia e chegar até a matar mulheres. Redireciona a vida e passa a buscar pelo irmão (Figura 3), tendo como *tesouro* uma sobrinha e a perspectiva de recomeçar e, por fim, estabelece uma *nova vida*, a partir da reconstrução de seus mundos e do próprio mundo sem homens, passando a viver na Austrália com outra personagem da trama.

Figura 3. Reconciliação entre Hero e Yorick. Fonte: Vaughan & Guerra (2009)



Nessa história em que nada é muito fácil para as mulheres, a personagem Hero nos permite ressignificar as narrativas de herói e heroína da trama demonstrando – assim que analisarmos as outras personagens – que num mundo com ou sem homens não existe o messias nem a messias salvadora e que a redenção pessoal se encontra no compartilhamento da jornada, compartilhamento esse que as mulheres estão dispostas a fazer em toda a história da humanidade. É a partir da análise da narrativa dessa primeira mulher que podemos vislumbrar que a ausência de homens, ainda que na ficção, denuncia que não há coerência nem unidade da categoria de mulheres (vide as organizações milicianas com forte apelo à violência) e que os sujeitos mulheres devem ser encarados como um espectro que demonstra a multiplicidade das inserções culturais, sociais e políticas (BUTLER, 2015).

Dra. Alison Mann: ciência, salvação e cura

A narrativa de *Y: O Último Homem* tem como uma das principais personagens uma cientista, a Dra. Allison Mann. Médica, bioengenheira, professora e pesquisadora, desde o início da saga ela nos é apresentada como aquela que pode viabilizar uma cura ou respostas para o que aconteceu com o mundo. Especializada em processos de clonagem, foi uma das primeiras pesquisadoras a fazer clonagem humana

⁵ O processo de aprendizado da personagem se dá quando ela se envolve com um grupo de ex-detentas que formaram uma das muitas comunidades do pós-apocalipse. Mesmo tendo participado de uma matança junto com o grupo das amazonas, Hero foi acolhida e cuidada, ponto de virada significativo na sua jornada: abandonar o egoísmo e compartilhar a vida com outras mulheres.

no mundo pré-extinção, e se sente responsável pela morte de todos os homens porque estava gestando um clone quando se deu o androcídio. Dra. Allison Mann se estrutura, na narrativa de Brian K. Vaughan e Pia Guerra, para ir de encontro aos estereótipos de mulher cientista nos quadrinhos. Allison (Figura 4) é uma pesquisadora conceituada, referência na área, não funciona apenas como a personagem criada para as explicações biológicas e é um ponto fundamental nas discussões de gênero da trama pois é assumidamente homossexual.

Figura 4. Dra. Allison Mann. Fonte: Vaughan & Guerra (2009)



Eva Flicker (2003), interessada em discutir a imagem de mulheres cientistas em filmes, estabeleceu três parâmetros importantes para análise: a ocupação (quais são as qualificações acadêmicas quando há cientistas na narrativa, elas são professoras, pesquisadoras ou meras ajudantes?), o tempo de tela (as mulheres cientistas, se aparecerem, tem um tempo de tela significativo e participação na trama?) e temática sócio-política (o fator sexo/gênero é discutido para além de ter uma ou mais personagens cientista mulher no filme?). Após analisar cerca de 60 filmes, a autora conseguiu determinar seis estereótipos presentes nas tramas: a cientista solteirona, a cientista masculina, a cientista ingênua, a cientista malévola, a cientista que é filha ou assistente, a cientista heroína solitária. A figura de cientista profissional é reservada para os homens. Nos quadrinhos não é diferente, pois as mulheres cientistas obedecem a um dos seis padrões estabelecidos por Eva Flicker, sendo, em sua maioria, vilãs que enlouquecem ou ajudantes. Como exemplos nos quadrinhos de super-heróis, podemos citar Sue Storm, Jennifer Nyles, Marla Madison, Tilda Johnson, Jean Grey, Superia, Alyssa Moy, entre outras.

No arco *Dragões de Quimono* (Vaughan & Guerra, 2009), temos um *flashback* da infância, adolescência e primeiros anos de faculdade da doutora Mann. Criada em uma tradicional família chinesa e com pais médicos, abandonou o nome e sobrenome da família para se tornar Allison Mann assim que começou a estudar nos Estados Unidos. É durante esse retorno ao passado que conhecemos uma Allison jovem punk no início de carreira trabalhando com o pai e sendo abandonada por ele e pela mulher que amava. Vemos também o início de suas pesquisas na área de clonagem e entendemos que uma das motivações para seu envolvimento com essa área de estudos é o confronto intelectual e acadêmico com o pai⁶. Em *Y*:

⁶ Como não poderia deixar de ser, a HQ questiona em todos os arcos a relação das mulheres com seus pais e também adiciona problematizações sobre maternidade, especialmente através do relacionamento de Yorick, Hero, 355 e Allison Mann com seus pais e com a dualidade irônica que é a recusa da maternidade e a procriação como garantia da manutenção da espécie humana.

O Último Homem, as mulheres amam e fazem sexo com outras mulheres, não apenas porque não há mais homens, mas porque a narrativa pretende inserir a discussão da desconstrução da heteronormatividade. Para Richard Miskolci (2013), a heteronormatividade é a ordem sexual do presente, cuja fundação remete ao modelo heterossexual⁷, familiar e reprodutivo. Se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas a quem rompe as normas de gênero. É um conceito importante para se compreender a hegemonia heterossexual, inclusive em produções de quadrinhos.

Como são as representações de grupos minoritários, como, por exemplo, os homossexuais, nos quadrinhos? Dandara Palankof e Cruz (2015) destaca que, pelo fato da heterossexualidade ser o fundamento das relações ortodoxas de gênero, os super-heróis eram representados como pessoas heterossexuais por padrão. Por causa dos discursos que circulavam nos anos 60 que apontavam as histórias em quadrinhos como nocivas para os jovens, as editoras norte-americanas criaram o *Comics Code Authority*, instrumento de regulação para a indústria dos quadrinhos. Sobre as diretivas referentes a sexo e sexualidade, a autora afirma que o código estabelecia que “cenas violentas de amor, assim como anormalidades sexuais são inaceitáveis” e que “A perversão sexual ou a inferência ao mesmo são estritamente proibidas” (PALANKOF E CRUZ, 2015, p. 36). A homossexualidade da Dra. Allison Mann e de outras mulheres em *Y: O Último Homem* pode ser entendida como última alternativa para um exercício de sexualidade neste novo mundo sem homens, fato que é constantemente apontado nos diálogos, especialmente por Yorick. Em uma conversa com a personagem Sonia, depois de ver duas mulheres se tratando de forma afetuosa, ele pergunta: “Ei, ela e aquela outra moça, elas são...?”, ao que Sonia responde: “Companheiras? São. Isso é um problema?” (VAUGHAN & GUERRA, 2009).

Pode-se retornar a leitura crítica que Judith Butler (2015) faz à lógica binárias masculino/feminino, ao entender que essa visão apaga possibilidades de existir entre esses dois extremos e define a heteronormatividade como padrão. Allison Mann, 355 e todas as outras mulheres são consideradas corpos abjetos a partir de seus exercícios de sexualidade fora do padrão. Especificamente sobre a doutora Allison, seu pai, durante toda a narrativa nunca a considerou como uma mulher lésbica e tem essa negação em parte ligada ao seu projeto de clonagem que prevê o processo reprodutivo como fundamental. Para Butler, o desmonte da heteronormatividade se inicia quando mulheres lésbicas podem assumir a posição de sujeito falante no interior do sistema linguístico da heterossexualidade compulsória, podendo, assim, existir no interior da linguagem que o afirma (BUTLER, 2015).

A homossexualidade das personagens sendo discutida abertamente por elas mesmas, algumas das mulheres se envolvendo umas com as outras sem a imposição de um perfil heteronormativo demonstra que, como produto de seu tempo, a narrativa de *Y: O Último Homem* contribui para acrescentar, “em um universo no qual ainda predominam noções convencionais de sexualidade – o dos super-heróis” (PALANKOF E CRUZ, 2015, p. 49) uma nova forma de reinterpretar o mundo. Os quadrinhos, como produtos de uma sociedade que se autodenomina pós-moderna, é um instrumento que pode promover um desmonte de representações sociais mais binárias e torná-las mais fluidas. E essa discussão ser protagonizada por mulheres como a Dra. Mann é uma das grandes chaves da narrativa⁸.

⁷ A expressão *Girl on Girl* (Menina com Menina), que aparece no título deste artigo, além de nomear relações sexuais entre mulheres, é o título de um dos mais importantes arcos da história, quando duas das protagonistas tem um envolvimento e quando a sexualidade da Dra. Allison Mann é discutida abertamente e relacionada às suas vivências e história.

⁸ É curioso observar que ainda assim o roteiro não inclui a discussão sobre as pessoas trans. Existem, na narrativa, mulheres que se travestem de homens em uma discussão sobre as novas formas de negócios sexuais, mas parece que no mundo da Vaughan e Guerra existe espaço para mulheres lésbicas, mas não para pessoas trans.

Agente 355: heroica negritude

A verdadeira heroína de *Y: O Último Homem* é uma mulher negra, afirma Diana Adesola Mafe (2015), e fundamenta sua tese ao destacar a importância, força e participação da Agente 355 na narrativa. A 355 (Figura 5) aparece logo nas primeiras páginas e se apresenta como uma agente secreta que faz parte de um círculo governamental chamado *Círculo Culper*. Ela, junto com a Dra Allison Mann, acompanham Yorick na jornada pelo mundo, sendo inicialmente responsável pela proteção de todos. Nesta história em quadrinhos onde nada é tradicional, é importante destacar que a personagem negra do grupo não é apenas uma coadjuvante, alívio cômico ou personagem sexualizável. Sua trajetória na trama acrescenta discussões importantes sobre negritude e representação de personagens negras nos quadrinhos.

Figura 5. Agente 355 em diversos momentos da trama. Fonte: Vaughan & Guerra (2009)



Semelhante à discussão da presença e ausência feminina nos quadrinhos, a presença de mulheres negras também é interesse de pesquisa⁹. Natania Nogueira (2013) afirma que já no final do século XIX, nos Estados Unidos, podem ser identificadas personagens afro-americanas, que em geral são secundárias, representadas, geralmente, de forma estereotipada. Olhos e bocas eram tão exagerados que chegavam a pas-

⁹ Pode-se perguntar “mas e a Tempestade dos *X-Men*?” Aparecendo pela primeira vez em meados dos anos 70, ela é indiscutivelmente a mulher negra com maior visibilidade nos quadrinhos. Para Dalbeto & Oliveira (2015), apesar da popularidade da Tempestade, ela não escapa dos estereótipos para mulheres negras nos quadrinhos: força, misticismo, sexualidade e beleza exótica são elementos dessa construção. Diana Mafe (2015) acrescenta ao nome de Tempestade, as seguintes heroínas norte-americanas: Martha Washington, Gorilla Girl, Vixen, Danielle Foccart, Monica Rambeau (Capitã Marvel), Amanda Waller, Jet, Silhouette, Voodoo, Pantha, Catspaw, FerAlyce, Rocket, 4D, Fatality.

sar a impressão de estarem deformados, as mulheres têm seus traços negroides exagerados, especialmente seios, bocas e nádegas. Em geral, são pessoas de classe social e econômica inferior nas histórias, sendo mães, tias, cozinheiras, amas. A autora afirma que ao analisar o panorama cronológico dos quadrinhos, durante a era de ouro e durante as décadas de ebulição da luta para os direitos humanos nos Estados Unidos houve um interesse em retratar a África e inserir novos personagens negros. Ainda assim, as personagens femininas são ou velhas feiticeiras poderosas e manipuladoras do mal ou jovens muito bonitas e sexualizadas, sendo representadas com seu corpo objetificado. Ao final de sua pesquisa, Natania Nogueira conclui que a mulher negra aparece em duas situações: como parte do cenário, frágil ou com medo ou como vilã cruel que oprime os homens. As mulheres negras, quando assumem papel de destaque são as vilãs (NOGUEIRA, 2013). Ou tem seus corpos hipersexualizados, como Sarah Baartmanns da contemporaneidade.

A 355 não tem seu nome revelado durante a trama e suas vivências de infância e adolescência nos são reveladas utilizando o padrão fragmentado da narrativa, por meio de um *flashback*. Ela perdeu os pais muito cedo, foi parar em uma instituição para cuidado de menores e, por ser violenta e arredia, foi recrutada para receber treinamento e se tornar agente secreta. Um dos momentos em que sua violência adolescente é demonstrada é justamente num episódio em que ela sofre racismo, evidenciando uma certa justificação para a abordagem. O fato de ser uma pessoa todo tempo armada, que trabalha com a violência e que é uma espécie de guarda-costas, é uma alternativa para caracterizar a personagem. Sua pessoa também foge da hipersexualização, já que, durante quase toda a história, Pia Guerra e outras desenhistas a retratam sempre vestindo calças, blazer e roupas que não deixam em evidência seu corpo, contrariando aquilo que seria um padrão para mulheres negras nos quadrinhos¹⁰.

Para Oliveira Neto (2015), os estereótipos das mulheres negras nos quadrinhos contribuem para esquadrihar e classificar cada parte do seu corpo, para que não haja dúvidas do quanto é “diferente” questionando se são humanas ou não, demarcando as fronteiras do que é considerado normal e anormal e deslocando as mulheres negras para a esfera do paródico e do risível.

A inteligência da Agente 355 é apontada durante toda a trama como contraponto às atitudes impensadas do protagonista masculino. Sua habilidade em salvar o dia, não só fisicamente mas também pensando em estratégias para sobreviver, demonstra a caracterização de uma personagem que é mais do que alguém portando uma arma. A série está cheia de referências literárias e da cultura pop e, mesmo sendo a personagem negra da história, a Agente 355 não se furta de participar das discussões e travar diálogos em que evidencia sua bagagem cultural. A 355 também conhece várias partes do mundo e fala outras línguas, discute de igual pra igual com as personagens cientistas da série e não se furta de apontar as bobagens machistas, racistas e homofóbicas ditas pelo Yorick.

Ao final da série, percebemos que o grande interesse romântico da narrativa é o casal 355-Yorick, cuja possibilidade de formação só é apresentada nos últimos números da graphic novel. Yorick se dá conta, ao final da jornada que ama a Agente 355 e confessa seu interesse em começar uma relação. Contrariando as expectativas para um final feliz, a personagem negra e protagonista da história honra seu papel e sua jornada de heroína ao morrer atingida por um tiro na frente de Yorick.

Bell hooks em seu texto *Vivendo de amor*, aponta que narrativas em que personagens negras negam ou tem dificuldade em se relacionar afetivamente são efeitos que um passado em que a escravidão determinava que para sobreviver era necessário reprimir as emoções. Em variados momentos da trama a Agente 355 nega seu crescente sentimento por Yorick e só o confessa quando em delírio, num leito de hospital,

¹⁰ Há um momento de delírio de Yorick em que a 355 é mostrada com seios de fora, com uma roupa que lembra uma *dominatrix*. Um outro quadro em que seu corpo é exposto é quando ela faz sexo com a Dra. Allison Mann, momento que também é flagrado por Yorick e serve na narrativa pra acrescentar que, mesmo a personagem vista como a mais “masculinizada” da trama, ela tem desejos, um corpo desejável e exercita sua sexualidade com outras mulheres.

confundindo a Dra. Allison Mann. A repressão de sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida das pessoas negras, mesmo com o fim da escravidão. O racismo está presente de forma estrutural em nossa sociedade e as pessoas negras passaram a acreditar que conter emoções era uma característica positiva. Ao seu passado violento e silencioso, sendo treinada como uma exímia espiã, a Agente 355 acrescentou a qualidade que muitas mulheres negras têm que é a de ser a “mulher negra forte”. Para bell hooks (2000), o apagamento da afetividade causa um apagamento da pessoa negra, já que conter-se afetivamente privava essas pessoas de um convívio social pleno, efeitos de uma mentalidade racista que arrasta-se ao longo dos anos em nossa sociedade.

Por fim, Diana Mafe (2015) reforça que, mesmo ainda sendo uma personagem que foge dos estereótipos representativos para mulheres negras nos quadrinhos, a morte da Agente 355 reforça estereótipos racistas que ditam que um personagem negro é mais dispensável que um branco e *Y: O Último Homem* parece não fugir disso, mesmo apresentando o assassinato da 355 como uma morte heroica e cumprimento da sua jornada (MAFE, 2015). À heroína negra que garantiu a vida do último homem na Terra uma morte violenta e sem amor.

Considerações Finais

A reorganização da discussão sobre representatividade feminina nos quadrinhos é resultado não só de uma maior presença de mulheres na indústria das HQs mas também resultado conjunto da luta de pessoas envolvidas com os movimentos feministas e de gênero nos espaços culturais. Apesar de (ainda) ser um reduto masculino, as *graphic novels* tem se apresentado como um produto que, por garantir narrativas independentes e que fogem na narrativa do herói branco, heterossexual e cristão padrão, oferece narrativas que subvertem os perfis mais ortodoxos que foram maioria nas últimas décadas.

Neste artigo, por meio da análise da narrativa e de três personagens de *Y: O Último Homem*, foi possível perceber que há a possibilidade de criação de produtos da nona arte que vão de encontro às narrativas de mulheres apenas como pessoas brancas, indefesas, par romântico e objeto de salvação. Por meio do perfil das três heroínas da história foi possível perceber que a preocupação em narrar e representar mulheres a partir das preocupações políticas suscitadas a partir das reivindicações de grupos minoritários, enriquece a narrativa, inserindo nas histórias em quadrinhos as temáticas de gênero, racismo, objetificação do corpo feminino, contestação das estruturas de poder centradas no masculino e presença e ausência de mulheres nos espaços de poder. E, finalmente, a narrativa da *graphic novel* analisada nos mostra que, mesmo em um mundo pós-apocalíptico e ficcional sem homens, as mulheres se organizam a partir de uma estrutura que não rompe o binarismo sexo/gênero e reforçam estruturas de poder hierarquizadas e androcêntricas.

Referências

- BOVRI, Bart. “Man, you split wood like a girl”: Gender Politics in *Y: The Last Man*. 2011. Dissertação (Mestrado). UGent. Faculteit Letteren en Wijsbegeerte. Disponível em: <<https://goo.gl/SRsFjm>>. Acesso em: 30 set. 2016.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.
- DALBETO, Lucas do Carmo; OLIVEIRA, Ana Paula. Oh My Goddess: Anthropological Thoughts On the Representation of Marvel’s Storm and the Legacy of Black Women in Comics. *The Comics Grid: Journal of Comics Scholarship*, n. 5, v. 1, p. 1-5, 2015.

- DEPLAGNE, Luciana Eleonora de F. C. A reescrita do mito das amazonas na obra A Cidade das Damas de Christine de Pizan. Anuário Literário de Florianópolis, v.18, n. esp. 1, p. 115-136, 2013.
- EISNER, Will. Um contrato com deus e outras histórias de cortiço. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FLICKER, Eva. Between brains and breasts—women scientists in fiction film: on the marginalization and sexualization of scientific competence. Public Understanding of Science, n. 12, p. 307–318, 2003).
- HOOKS, bell. Vivendo de amor. in: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Máisa; WHITE, Evelyn C. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas-Criola, 2000
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-estruturalista. Vozes: 1997.
- MAFE, Diana Adesola. “We Don’t Need Another Hero”: Agent 355 as an Original Black Female Hero in Y: The Last Man. African American Revue, n. 1-2, v. 48, p. 33-48, 2015.
- MCHUGH, Maura. Y: The Last Man. The F-word: Contemporary UK feminism, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/3saAiP>>. Acesso em: 30 set. 2016.
- MELO, Kelli Carvalho; RIBEIRO, Maria Ivanilse Calderón. Vilãs, Mocinhas ou Heroínas: linguagem do corpo feminino nos quadrinhos. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 105 - 118, 2015.
- MISKOLCI, Richard. Teoria *Queer*: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- NOGUEIRA, Natania A. S. Jackie Ormes: a ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937-1954). Identidade! v.18, n. 1, p. 21-38, 2013.
- NOGUEIRA, Natania A. Silva. Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL. História, imagem e narrativas, n. 10, 2010.
- OLIVEIRA NETO, Marcolino Gomes de. Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 16, p. 65-85, 2015.
- PALANKOF E CRUZ, Dandara. O casamento de Estrela Polar: a evolução da representação social LGBT no imaginário ficcional das HQs de super-heróis. Imaginário!, n. 9, 2015.
- PEREIRA, Leonardo Vinícius Macedo. Ai de ti, Yorick Brown: a paródia do drama shakespeariano como evolução das histórias em quadrinhos. Março de 2015. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.
- RAMOS, Paulo; FIGUEIRA, Diego. Graphic novel, narrativa gráfica ou romance gráfico? Terminologias distintas para um mesmo rótulo. Anais da II Jornada de Estudos sobre Romances Gráficos, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/vxvCos>>. Acesso em 30 set. 2016.
- SALLES, Catherine. As subversivas e sedutoras amazonas. História Viva., n. 77, 2010.
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995
- SCOTT, Joan. História das mulheres In A escrita da história: novas perspectivas. BURKE, Peter (Org.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- VAUGHAN, Brian K; GUERRA, Pia. Y: o último homem. Tradução de Fabiano Denardin, Fábio Fernandes e Érico Assis. São Paulo: Panini, 2009. Série em 10 volumes.
- VERGUEIRO, Waldomiro. As histórias em quadrinhos no limiar de novos tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado. **Visualidades**, v. 7, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/9SygtC>>. Acesso em: 30 set. 2016.
- WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; COLLING, Ana. As super-heroínas das histórias em quadrinhos e as relações de gênero. Diálogos, v. 15, n. 2, p. 437-454, 2011.